

ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008

UM “SUPLEMENTO LITERÁRIO” DE EÇA DE QUEIRÓS PARA A GAZETA DE NOTÍCIAS DURANTE O ANO DE 1892

Juliana Cristina BONILHA¹

RESUMO: O romancista Eça de Queirós, famoso por retratar a sociedade portuguesa de seu tempo, teve um importante papel no jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Além de trabalhar como correspondente estrangeiro, foi criador e diretor de um “Suplemento Literário”, um informativo que trazia as notícias da Europa aos brasileiros no final do século XIX. Neste artigo, será mostrado como fora executada essa tarefa e sua finalidade.

ABSTRACT: The romancist Eça de Queirós, famous for picturing a panorama of the portuguese society at his time, had an important role at the *Gazeta de Notícias* journal. Besides working as a foreign correspondent, he was both creator and director of “Suplemento Literário”, an informative section which reported the news from Europe to the brazilians at the end of the XIX century. This article will show how he executed this task and its goal.

1. INTRODUÇÃO

Eça de Queirós, o maior nome da narrativa realista-naturalista portuguesa, deixou um acervo de obras que caracterizam-se principalmente pelo sentido crítico às instituições burguesas e pelo retrato pormenorizado da sociedade portuguesa da época relativa à segunda metade do século XIX e que são, portanto, fonte para estudiosos tanto da área literária, como histórica.

Os romances queirosianos apresentam, de certa forma, um panorama histórico descrito criteriosamente, por meio do uso de adjetivos escolhidos com critério pelo escritor, a fim de fornecer ao leitor uma imagem quase completa de Portugal, no século XIX. Seu compromisso com a forma revela-se ao leitor, por meio da conexão entre todas as partes dos romances, e um leitor literariamente preparado consegue perceber que a ausência de uma delas, traria muitos prejuízos à leitura total dos textos.

Essa característica de compromisso de Eça com a forma e, portanto com seu leitor, e, ainda, a vontade de evidenciar os fatos que julgava pertinentes e dignos de questionamentos também estão presentes em seus textos jornalísticos.

No Brasil, o escritor destinava seus textos ao periódico *Gazeta de Notícias*. Manteve-se durante vários anos na tarefa de correspondente estrangeiro e de cronista, tendo uma grande aceitação do público brasileiro.

No ano de 1892, surge a possibilidade de obter um espaço maior dentro do jornal. Eça, então, propõe a Ferreira de Araújo, diretor da Gazeta, a composição de uma espécie de informativo, que ele chamou de “Suplemento Literário da Gazeta de Notícias”, onde estariam presentes notícias sobre a Europa. Nele, portanto, procuraria escrever sobre a realidade européia, dando um panorama geral sobre moda, livros, cultura, arte e notícias de caráter científico. Suas notícias teriam como público-alvo os leitores brasileiros, que

¹ Mestranda em letras na área de Literatura e Vida Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: jujubonilha@yahoo.com.br.

por vezes eram motivados a viajar até o Velho Continente em busca das novidades, fossem científicas, como no caso dos médicos e pesquisadores, fossem de ordem "mundana" (roupas e lugares da moda), fossem ainda acadêmicas (livros e divulgações de trabalhos).

O intuito do periódico, inserido na terceira página do jornal *Gazeta de Notícias* é por ele comentado em carta a Teixeira de Queirós (Bento Moreno) de 29 de dezembro de 1891:

Eu porém tenho agora, não um jornal, mas um suplemento literário para a *Gazeta de Notícias* (do Rio de Janeiro) de que sou Diretor, ou pelo menos o organizador. A *Gazeta* é, como V. sabe, um dos primeiros jornais do Brasil. O *suplemento* comporta, e até necessita, um resumo do movimento de Portugal - literário, científico, social, mundano, etc. Se V. vir que esta necessidade do jornal concorda com seu plano de trabalho - mande dizer e ao mesmo tempo as condições. Em todo caso V. tem jornal - diga pois que trabalho quer dar e em que período, e por enquanto. Com um grande [jornal?] como a *Gazeta* é necessário tratar assim as coisas praticamente. E eu por mim não tenho [senão que?] esfregar as mãos de alegria, pela sua boa idéia de trabalhar para nós. (BERRINI, V.4, p. 943)

Todos esses interesses "mundanos", como diz o próprio Eça, que faziam parte da sociedade brasileira do fim do século XIX seriam pesquisados e retratados por Eça. E isso pode ser constatado por meio da observação das seções presentes que constituem os exemplares: "A Europa em Resumo", "Livros Novos", "Bellas Artes", "Os Teatros", entre outras.

2. UM AUTOR COMPLETO

José Maria Eça de Queirós (Póvoa de Varzim - 25/11/1845- Paris - 16/08/1900), o maior nome da narrativa realista-naturalista portuguesa, é considerado um divisor de águas entre a tradição e a modernidade. Sua obra caracteriza-se pelo sentido crítico às instituições burguesas e pelo retrato da sociedade portuguesa da época, segunda metade do século XIX, com um toque de humor produzido, especialmente, por meio da ironia.

Consegue captar criticamente aquilo que é revelador e significativo do ponto de vista sociológico e sabe refletir, em nível ideológico elevado, sobre o mundo observado. Seu estilo sugere constantemente uma visão crítico-poética dos fatos. Em suas obras nota-se esforço analítico no sentido de precisão e clareza, sobriedade metafórica e imagética, além da adjetivação original.

Eça formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra (1866) e iniciou-se nas questões literárias, com o folhetim *Notas marginais* publicado na *Gazeta de Portugal* (1866). *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e *As Farpas* (1871-72), escritos em parceria com Ramalho Ortigão, e depois com sua participação nas Conferências do Cassino (maio-junho/1871), decorreram do interesse marcado pela crítica social e pela reforma de costumes, no quadro das preocupações da Geração de 70.

Seu primeiro romance realista-naturalista *O Crime do Padre Amaro*, cuja primeira versão, publicada em 1875, inicia uma série de textos que o tornaram conhecido pela crítica ácida e recorrente à sociedade portuguesa, no período realista-naturalista português, como *O Primo Basílio*, *O conde de Abranhos*, *A Capital*, vários contos. A partir da década de 80, Eça inicia uma revisão de valores que o distancia do discurso

predominantemente realismo-naturalista, apesar de manter vivas as preocupações com a crítica de costumes evidenciadas em *A Relíquia*, *O Mandarim*, *Os Maias* e na década de 1890, temos *A ilustre Casa de Ramires*, *A cidade e as serras*, já com um discurso artístico diferente daquele da década de 1870.

Como jornalista, Eça de Queirós escreveu especialmente para um jornal brasileiro, *Gazeta de Notícias*, um dos mais influentes jornais do fim do século XIX editado no Rio de Janeiro (durante a direção de Ferreira de Araújo -1875-1900). O seu senso político de observador atento à atualidade internacional e capaz de interpretar os acontecimentos com acuidade, é o traço predominante do cronista. Heitor Lyra comenta em seu livro *O Brasil na Vida de Eça de Queirós* (p.156):

Como já desfrutasse da mais larga aceitação no Brasil, tudo o que lhe saía da pena era simplesmente devorado pelos seus inúmeros leitores e admiradores brasileiros, tornando-se ele, assim, um dos mais populares jornalistas da nossa imprensa diária.

Os textos jornalísticos, editados postumamente, estão divididos nos volumes: *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Notas Contemporâneas*, *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*. Nessas crônicas, o escritor português comenta sobre os livros e episódios políticos relevantes da Europa do seu tempo.

Dentre seus textos de caráter jornalísticos, pode-se citar como um grande projeto para o Brasil, um “anexo” à *Gazeta de Notícias*, exatamente no ano de 1892, denominado *Suplemento Literário*. Tal projeto de Eça não obteve grande êxito, porém, em seus seis exemplares publicados durante o primeiro semestre desse ano, havia um sentimento de interligar e de mostrar fatos importantes que aconteciam na Europa, para que tais informações se convertessem em conhecimento para o público brasileiro. Assim, Eça mostrava um panorama tanto de moda, passando pela ciência e por áreas culturais excêntricas, a fim de propagar as novidades das capitais inglesa e francesa, mostrando um mundo sob seu ponto de vista.

3. O "SUPLEMENTO LITERÁRIO"

A longa colaboração que Eça de Queirós prestou à *Gazeta de Notícias*, é fator importante na construção da sua reputação privilegiada dentre os leitores brasileiros. Por meio de suas páginas, Eça de Queirós tornou-se um dos mais populares jornalistas da nossa imprensa diária. Não faltam testemunhos para corroborar tal afirmação, não só dos contemporâneos como dos que, mais tarde, e já com algum distanciamento crítico, registram a influência de Eça sobre a respectiva escrita jornalística.

No entanto, Eça não restringiu suas funções na *Gazeta* às de correspondente estrangeiro ou de colaborador de além-mar. A distância geográfica não constituiu obstáculo para que, além de nos enviar matérias de Bristol e depois de Paris, se tornasse o mentor, o responsável pela criação e o diretor do “Suplemento Literário” da *Gazeta de Notícias*, um “[...] projeto queirosiano para o Brasil [...]” (MINÉ, 2000, p.61), o primeiro do gênero a ser editado e cujo primeiro número traz a data de 18 de janeiro de 1892. A idéia de escrever o “Suplemento Literário” bem como sua grande dedicação à edição é descrita por Eça, em carta de Paris para Luís de Magalhães, no dia 21 de outubro de 1891 (BERRINI, v.4, p. 219):

Você sabe, ou talvez não sabe, que eu, além do Consulado, estou agora encarregado de uns poucos de serviços que me absorvem muito tempo. Além disso, tenho estado atarefado com a montagem de um “Suplemento Literário”, para a *Gazeta de Notícias*, do Brasil, empresa combinada já há tempo com os diretores desse poderoso papel.

Apesar de ser um projeto com um intuito inovador, o Suplemento teve uma vida curta. Como motivos de seu desaparecimento, pode-se certamente apontar as fatais dificuldades econômicas. Embora em 6 de julho de 1892, Eça ainda escrevesse entusiasmado e confiante a Batalha Reis, incitando-o a trabalhar exuberantemente, informando-o, e referindo-se à *Gazeta* como “[...] um jornal rico, e, até certo ponto, generoso [...]” (BERRINI, p. 90), já deixa entrever suas desconfianças quanto às perspectivas futuras do ponto de vista financeiro: “O que não me parece fácil é que eles possam, com o câmbio atual, sustentar tal despesa. Até agora porém não cessam de reclamar prosa” (p. 90)

3.1. O que foi o "Suplemento"

A primeira aparição do “Suplemento Literário” foi em 18 de janeiro de 1892, e foi seguida de mais cinco: 8 de fevereiro, 29 de fevereiro, 21 de março, 26 de abril e 13 de junho de 1892. Os seis exemplares eram publicados sempre às segundas-feiras, exceção do número de abril, que sai numa terça-feira.

O exame do conjunto dos números publicados revela a incidência das seções que se repetem, apontando, portanto, para uma estrutura básica para a publicação. É o caso das seções: “Teatros”, “Ciências”, “Belas Artes”, presentes em todos os números. Outras deixam de aparecer em determinados números e há ainda aquelas seções que aparecem em apenas um deles.

O Suplemento cumpriria então uma função de apresentar aos leitores do Rio, o movimento literário e artístico dos grandes centros. E, neste sentido, satisfaria a um “apetite” desse mesmo leitor, que via nele um eco de Paris, algo a ser conhecido.

4. UM TEXTO QUEIROSIANO

Eça não atuava unicamente na direção do “Suplemento”. Em cada um dos seis exemplares, prestigiou seus leitores com um texto no teor irônico queirosiano, notável ainda que não fosse claramente assinado. Abaixo, será transcrito o primeiro texto encontrado no primeiro periódico do “Suplemento literário” em 18 de janeiro de 1892. O texto encontra-se com grafia atualizada e é válido recordar que a estudiosa Elza Mine trabalha em suas publicações com os textos de Eça de Queirós, incluindo os constantes no jornal em questão. Portanto, a atualização destes textos fora de antemão executada pela autora, tarefa que também será realizada com os demais artigos em estudo, ainda que não sejam pertencentes ao romancista em questão.

A EUROPA EM RESUMO – “O NOSSO SUPLEMENTO”

De todas as cinco partes do mundo, a Europa, apesar de tão gasta, permanece incontestavelmente a mais interessante; e só ela, entre todos continentes, constitui na realidade

um continente geral de instrução e recreio. Não tem, é certo, como sua mãe, a Ásia, essa esplêndida diversidade de raças, de instituições, de mitologias, de arquiteturas, de trajes, de cerimoniais, que oferece aos olhos maravilhados do artista, desde Jafa até Iedo, e desde Ceilão até ao Tibete, um incomparável tesouro de formas e de cores: – nós aqui somos todos indo-germânicos, usamos todos o mesmo chapéu alto, vivemos todos dentro do mesmo estuco caído, e o tom das nossas multidões é pardacento. Não tem também como a África a irresistível sedução do Desconhecido; de um vasto solo que os africanistas estar cheio do divino ouro: – aqui não há monte ou vale de que não se fizesse já uma fotografia, ou uma descrição nos guias Baedeker, e de não possuirmos uma parcela – tudo é papel. Não podemos também, como a América, ofertar ao diletantismo crítico, o sugestivo espetáculo de povos velhos transportados para um torrão novo, e ocupados uns no Sul em construir com ânsia uma ordem social, que constantemente se lhes desfaz entre as mãos, outros no Norte em unificar tanto a ordem material, e tanto mecanizar a vida, que, só com pousar o dedo sobre um botão, o homem possa, segundo a necessidade especial da hora, tomar banho ou constituir família: nós, aqui na Europa, ainda conservamos a nossa amiga e desgraciosa estrutura social, burgueses por cima e plebeus por baixo, que de vez em quando rebocamos com sangue e lama, e os nossos confortos materiais vão tão atrasados, que no Inverno, quando o nordeste sopra, ainda há homens de gênio que dependuram os casacos diante das fendas das portas. Não existem também nesta pobre Europa, como na Oceania, essas maravilhas da Natureza, que são, ao que parece, as obras mais originais e mais fortemente inspiradas do grande Paisagista que está nos Céus: hoje a Europa toda, desde a costa do Atlântico até à fronteira da Tanária, forma uma massa compacta de casas e bicos de gás.

E todavia esta é a mais interessante parte do Mundo – a única na verdade interessante porque só ela conserva preciosamente esse radiante dom da raça Ariana, que eu chamarei: – a Fantasia. O mundo só vale pelo Homem; os mais solenes trabalhos da Natureza, o Niágara, o nome de cristal cor-de-rosa da Nova Zelândia, essas florestas do Amazonas, de que Darwin já velho se recordava com assombro – são menos merecedores da nossa admiração consciente do que o simples cérebro dum pobre oleiro, que modela, curvado sobre o barro a curva, de um vaso liso. Mas o Homem só vale pela fantasia – e os negros de África, que se contam por milhões, pesam menos no mundo do que – não direi já um Balzac, ou um Wagner – mas um deneado poeta de café-concerto, rimando uma cançoneta num quarto andar da Rua Taitbout.

Ora, de todos os homens, só o europeu verdadeiramente possui fantasia – quero dizer, a faculdade de "ser" ou de "criar" com genuína originalidade. Só ele põe fantasia, não só na sua obra, mas também na sua vida. Fantasia, que, como eu aqui a entendo, vai na obra, desde o *couplet* rimado na Rua Taitbout até ao sistema de filosofia concebido em Königsberg; e vai na vida, desde esse inglês, que, para não ver os seus semelhantes, construiu um palácio debaixo da terra, ate Tolstoi, artista e príncipe, que, por espírito de comunismo evangélico, guarda os porcos dos seus aldeões e mendiga pelos caminhos.

De sorte que, sob o impulso desta fantasia, sempre viva e sempre operando, todos os dias neste decrepito continente, há na esfera do pensamento ou da ação alguma cousa nova, inédita, rara, sugestiva, pitoresca, que seduz e que retém.

A Europa é por isso, sobre o nosso globo, o mais delicioso dos teatros públicos. Dentro dos seus amplos bastidores de mar e céu, representam dezesseis nações, algumas supremamente inteligentes. O pano nunca desce: e, em qualquer momento que chegue, o homem de outros continentes tem a certeza de se entreter magnificamente com o que no palco se «está dizendo» ou se «está fazendo». Constantemente se desenrola aí alguma cena dessas velhas e sempre refeitas tragicomédias que se chamam a «Política», a «Religião», o «Dinheiro», a «Sociedade» ... E ou seja um poeta que diz o seu poema, ou uma cidade em festa que aclama o seu herói, ou apenas um excêntrico que lança a sua excentricidade, o homem do outro continente que pare e atenda, com certeza recolherá uma noção ou uma emoção, um motivo para ir pensando ou um motivo para ir rindo!

Mas, por isso mesmo que a Europa é o continente mais interessante – é também o mais habitável? Não. Além de que o clima está estragado, de que as casas são mesquinhas e tristes, de que o viver se tornou extracaríssimo, e de que o intenso rumor e movimento da comédia fatiga os nervos – sucede ainda que a Europa, como todos os teatros, vista de dentro, dos bastidores, não dá ilusão, e, portanto, não dá prazer. As civilizações muito brilhantes e as mágicas são para contemplar de longe, através da vibração luminosa da rampa. Subindo ao tablado, vemos logo que o mármore do palácio que nos deslumbrava está pintado no papelão, e que os ondeados cabelos de ouro de que já nos íamos namorando, são uma peruca tingida, que custou quinze tostões no cabeleireiro.

Aquele que vive misturado a esta representação da Europa, topa a cada instante com o avesso sórdido das coisas belas.

Desse poeta que pela manhã nos encantava, recitando a sua obra, vamos à noite saber que é um borracho que espanca a mulher. O heroísmo que víamos aclamado na cidade, e que nos elevava o coração, vamos daí a pouco descobrir que fora pago: com um cheque – e vemos o cheque. Não há aqui possibilidade da Ilusão – que é a fonte perfeita de todo o gozo.

E o europeu termina por ser o mais enfasiado dos homens – porque, movendo-se entre os cenários e os personagens, a cada instante palpa os papelões, reconhece sob o brilho do semideus a pelintrice do histrião, verifica, como um budista, a completa inanidade de todas as aparências.

Grande senso mostrou esse humorista americano que tendo, em Londres, conhecido um alto estadista e um alto poeta, se recusou a conhecer outros, e abandonou a Inglaterra dizendo: – «Da minha pobre casa de madeira, no Texas, pareciam-me estes homens feitos duma substância divina; agora descubro que são fabricados do mais ordinário dos barro. Homens e fatos duma forte civilização, é necessário lê-las de longe. E para conservar a preciosa faculdade de admirar, vou prudentemente recolher-me ao Texas!»

Justas palavras!

Com efeito, para saborear sem desilusão esta tão interessante Europa, é necessário estar longe, no Texas – ou algures, além dos mares. O ideal, penso eu, seria habitar, por exemplo, no Brasil logo que haja uma pouca de ordem e de juízo público), sob um céu que não tenha, como o nosso, o peso e a melancolia de um teto enfarruscado, dentro de uma casa que não pareça, como as nossas, uma boceta forrada de veludo e de micróbios, junto de água que não corra, como a nossa, através de canos pútridos, num ar em que não estrondeiem, como no nosso, os ruídos grosseiros de um materialismo desordenado: – e aí, em alegria e paz abundante, sob as magnificências da luz natural, dentro do conchego fresco, uma boa poltrona, fumando um charuto que não seja de couve de Hamburgo, observar curiosamente, finalmente, com vagar e diletantismo, esta nossa Europa, em tudo o que ela «faz» e tudo o que ela «diz», individualmente e coletivamente, desde o fútil até o grande, nessa infinita e tumultuosa vaga de idéias e fatos onde a última *toilette* de Worms se embaralha com a última encíclica do Santo Padre, e onde Paulus sobrenada ao lado de Bismarck, que se afunda.

Ora, foi para que o Brasil pudesse realizar ideal tão cômodo, que nós criamos este *Suplemento*. Ele é o *compte rendu* desta famosa representação que se dá no teatro da Europa, mandado cada semana pelo paquete, para que o enredo e os atores possam ser conhecidos sem o cansaço, a despesa, o tempo consumido em atravessar as águas e vir ao teatro, que não é confortável, nem bem ventilado, e está cheio de lazaretos. Melhor ainda! É a própria representação condensada em meia folha de jornal, com uma seleção cuidadosa dos seus episódios mais atraentes, dos seus personagens mais característicos, das suas decorações mais vistosas e ricas. Neste *Suplemento* vai o resumo de uma civilização. E toda ela deste modo se goza no que tem de mais belo ou de mais fino, sem a desconsolação de perpetuamente se surpreender a rude fealdade do seu avesso. Se a Europa, como disse não me lembro que afetado poeta alemão, é no mundo o «Jardim da Inteligência» – nós remetemos para aí, Brasil ditoso, um ramalhete das suas flores melhores, de modo que tu te possas regalar com o encanto das cores e a harmonia dos perfumes, sem teres de descer ao jardim e sofrer-lhe a umidade, os espinhos, as lagartas e os estrumes.

Não sei qual destas luxuosas imagens te agrade mais! É a Europa um teatro, ou um jardim?

Nós começamos: – se é um jardim recebe, como dizia Virgílio, a braçada dos lírios. Se é um teatro – *plaudite, cives!*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos dados sobre a carreira de Eça de Queirós pode-se perceber que além de grande romancista, também atuou de forma exemplar na função de jornalista.

Sabe-se que um texto literário destaca-se de um não-literário devido a sua capacidade de transpor a imitação, ou seja, de projetar camadas mais profundas àquilo que se lê. Em suas produções, seria justo dizer que Eça se adapta então a duas

"realidades" distintas, pois como romancista, adere a uma forma peculiar de narratividade, que certamente lhe ocorre devido ao gênero adotado. É nessas obras que se instaura um Eça desejoso de denunciar uma sociedade com novos hábitos burgueses, porém sob a condição de narrador buscando mostrar uma "realidade" por meio da mimese.

Como jornalista então, a liberdade e a objetividade da linguagem, permitem-no ser até certo ponto seco e direto.

Vale ressaltar que nos dois âmbitos, o escritor preserva um estilo próprio de narrar ou de relatar: há sempre um tom de ironia em seus trabalhos que cede a suas obras de ficção ou não-ficção um certo tom original, muito até pessoal.

Essa maleabilidade do escritor merece destaque quando se fala então nas múltiplas possibilidades de se produzir um discurso sendo então ilustração dessa capacidade lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.) (2000). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesa*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.
- BROCA, Brito (1956). *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- _____. (1957). *Horas de leitura*. Rio de Janeiro: MEC, INL.
- CARONE, Edgar (1969). *A primeira república (1889-1930): texto e contexto*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- FAUSTO, Boris (1977). *O Brasil republicano*. Vol. 2, tomo 3. Rio de Janeiro: Difel.
- FREITAS, Affonso A. de (1915). *A imprensa periódica de São Paulo: os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typografia do Diário Oficial.
- LUSTOSA, Isabel (2003). *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MACHADO NETO, A. L. (1973). *Estrutura social da República das Letras*. São Paulo: Guijalbo; Edusp.
- MATOS, A. Campos (org.) (1993). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2ª edição. Lisboa: Caminho.
- _____. (org.) (2000). *Suplemento ao dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho.
- MENESES, Raimundo de (1969). *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva.
- MINÉ, Elza (2000). *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. Cotia: Ateliê Editorial.
- _____. (1986). *Eça de Queirós jornalista*. 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- PEREIRA, Lúcia Miguel; CÂMARA REYS (org.) (1945). *Livro do centenário de E.Q.* Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos.
- QUEIROZ, Eça de (1976-1979). *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 4 vols.
- _____. (2000). *Obra completa*. Vols. 3 e 4. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- SANTANA, Maria Helena (1995). "Introdução", in: Maria Helena SANTANA (org.). *Textos de imprensa*. VI (da Revista de Portugal). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 15-48. (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós: textos de imprensa.)
- SARAIVA, António José; LOPES, Oscar (1996). *História da literatura portuguesa*. 17ª edição. Porto: Porto Editora.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1966). *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- TENGARRINHA, José (1966). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugalia.